

## A Relevância do Exercício da Alteridade no Jornalismo<sup>1</sup>

Gabrielle de PAULA<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, RS

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar como o jornalismo opera nas representações que realiza. Para isso, procuramos identificar as escolhas jornalísticas oriundas dos valores do campo. Assim, faremos uma breve reflexão acerca dos procedimentos que podem determinar uma visão sobre o outro e a relevância de o jornalismo incorporar a alteridade em suas práticas.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo; práticas jornalísticas; representação; alteridade.

### INTRODUÇÃO

Existem diversos conjuntos de valores que são estabelecidos culturalmente pelas sociedades. Há normas socialmente aceitas que com o tempo aprendemos a identificar. De acordo com Dwight Furrow (2007), é por meio da nossa capacidade de raciocinar dentro do contexto dos vários relacionamentos em nossas vidas, que descobrimos a moralidade. É uma questão filosófica, uma vez que “devemos saber como adaptar tais regras às nossas circunstâncias e, para fazer isso eficientemente, devemos saber por que certas normas morais são justificadas” (FURROW, 2007, p.10).

No jornalismo, segundo Daniel Cornu (1994), o objetivo ético da informação é a verdade. Logo, entende-se que somos capazes de distinguir aquilo que é bom do que não é e de nos empenharmos em buscar a veracidade dos fatos para transmitirmos o trabalho jornalístico de forma justa e ética. Carlos Eduardo Franciscato (2005) também propõe uma reflexão acerca do desenvolvimento do jornalismo para entendermos como a sua caracterização o tornou uma instituição social. Dentre as principais características

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

<sup>2</sup> Mestranda do Curso de Comunicação e Informação da FABICO-UFRGS, e-mail: [gabispaula88@gmail.com](mailto:gabispaula88@gmail.com)

está o princípio de operar com a verdade do real e ter o compromisso de cumprir essa tarefa (FRANCISCATO, 2005).

O polo intelectual do jornalismo (TRAQUINA, 2004), que abrange, por exemplo, a verdade, a independência, a objetividade e o serviço ao público, é um aspecto que pode ser percebido desde o contexto da Revolução Científica (TAMBOSI, 2004).

Já no final do século XV, Tobias Peucer sistematizava os principais conceitos da imprensa recém-nascida (TAMBOSI, 2004). Os periódicos que surgiam destacavam que a difusão de coisas novas deveriam ser acompanhadas de uma certa utilidade e atualidade (PEUCER *apud* TAMBOSI, 2004).

Com toda a trajetória histórica do jornalismo na democracia, esses princípios constituem as redações até hoje. Embora a imprensa esteja inserida em um modelo de negócios que visa o lucro, os profissionais buscam atender aos valores históricos do campo, em nome da credibilidade jornalística. E, muitas vezes, sem refletir quanto suas escolhas determinam uma visão sobre quem estão representando.

## **AS ESCOLHAS JORNALÍSTICAS E A VISÃO SOBRE O OUTRO**

Sabemos que há toda uma rotina de produção jornalística que influencia os critérios do que é notícia e do que deve ser reportado. De acordo com Resende (2007), a produção de textos e imagens pautados por uma classificação prévia significa dar forma ideológica e cultural às informações.

Os valores-notícia fornecem critérios nas práticas de rotina do jornalismo que permitem aos jornalistas, editores e agente noticiosos decidir rotineira e regularmente sobre quais as estórias que são noticiáveis e quais não são, quais as estórias que merecem destaque e quais as que são relativamente insignificantes, quais as que são para publicar e quais as que são para eliminar (Nordenstrong, 1972; Breed, 1955; Hall, 1975) (TRAQUINA, 1993, p. 225).

Valores de seleção como relevância, valores de construção como personificação, são alguns dos critérios que consistem o conjunto de fatores que buscam dar os múltiplos lados da questão. Os critérios de noticiabilidade são de alguma forma “manuseáveis por jornalistas no seu cotidiano profissional, servindo concretamente

como técnica ou recurso de trabalho” (FRANCISCATO, 2005, p. 172). Contudo, esta busca por diversidade de opiniões é contraditória, já que a mídia é quem acaba por selecionar o que é relevante, na sua função de curador da realidade social fornecida pelas fontes institucionais (TRAQUINA, 1993).

Segundo Rafael Valles (2015), frequentemente, percebemos nas reportagens jornalísticas uma preferência pelas fontes oficiais e quando as comunidades, as pessoas comuns e os grupos vulneráveis prestam seus relatos, há sempre a necessidade de se ouvir um especialista que legitime esses discursos. Logo, o não direito à palavra é uma espécie de condenação aos grupos vulneráveis: a de seguirem sendo marginalizados pela sociedade (VALLES, 2015).

Ao analisar quatro reportagens referentes ao *massacre do Carandiru*<sup>3</sup>, realizada pela emissora Rede Globo nos programas *Jornal Nacional* e *Fantástico*, Valles (2015) enfatiza a primeira delas - a reportagem produzida no dia seguinte ao ocorrido. A representação do que aconteceu com aquelas pessoas passa somente pelo discurso das fontes oficiais, como o diretor da Casa de Detenção e o então prefeito da cidade de São Paulo. “Nessa reportagem, a única possibilidade de se conhecer uma posição dos presos é quando a imagem mostra uma faixa com os dizeres “queremos nossos direitos”” (VALLES, 2015, p.50). Aqui o jornalismo escolhe como referência a macroestrutura e as fontes que a ela se relacionam. E, ao fazer isso, pode “desqualificar e tornar invisível o Outro em sua alteridade plena” (LAGO, 2010, pg.174).

Resende (2007) a partir da leitura de Foucault, esclarece que, se antes eram as sociedades do saber as legitimadoras de uma fala que se pretendia verdadeira, hoje, a mídia mostra-se como tal ao utilizar-se do seu amparo institucional e da produção de um discurso que certamente regula o status quo. Em uma sociedade em que a maioria das pessoas não tem acesso aos meios de poder e que a política e a opinião estão concentradas, o papel mediador da mídia desempenha função direta na formação de opinião (TRAQUINA, 1993).

Valles (2015) conclui que o direito à não-palavra nas reportagens feitas pela Rede Globo significou uma segunda condenação àqueles indivíduos (VALLES, 2015).

---

<sup>3</sup> O Massacre do Carandirú, como ficou conhecido, ocorreu no dia 2 de outubro de 1992, na Casa de Detenção de São Paulo. Após a intervenção da polícia para conter uma rebelião, 111 presos foram assassinados (<http://globovtv.globo.com/rede-globo/memoria-globo/v/massacre-no-carandiru-1992/2268236/>).

Dessa maneira, “o que *não está* dito nessas reportagens pode revelar muito mais em relação ao que *está* dito” (VALLES, 2015, p.53).

Ao problematizar as mudanças estruturais no campo jornalístico, Rosental Alves (2001) aborda a reinvenção do jornalismo na internet. Atualmente, a busca pela instantaneidade das notícias, tem transformado o perfil das redações. Um desafio imposto pelo surgimento das mídias digitais, no qual as empresas noticiosas ainda tentam se adequar. O jornalista precisa saber trabalhar com as linguagens de áudio, de texto e de vídeo. Todavia, novos jornalistas não são contratados e atravessamos um período de muitas demissões no país, segundo a Federação Nacional de Jornalistas (FENAJ).

Diante desse imperativo da pressa, nos parece cada vez mais difícil que o profissional tenha empenho em aprofundar aquilo que reporta, reconhecendo as diferenças e as compreendendo. E é justamente no reconhecimento da diferença nas formas de narrar, que enfrentamos melhor o dilema de olhar o outro (RESENDE, 2009). Com a pluralidade de vozes que precisam ser representadas, a busca por rapidez acabará contribuindo para que muitas vozes continuem silenciadas. No caso dos negros, por exemplo, o não reconhecimento das demandas específicas desta população e o uso frequente de estereótipos para a sua representação, bem como a ausência de imagens positivas sobre eles, continuarão recorrentes no jornalismo brasileiro. Tendo em vista este cenário:

As maneiras pelas quais as escolhas rotineiras e cotidianas dos jornalistas com relação àquilo que é para relatar – qual a melhor forma de fazê-lo, e por que – os envolvem numa política de mediação, na qual uma cultura de alteridade se mostra muitas vezes significativa (ALLAN, 2010, pg. 26).

## **JORNALISMO E ALTERIDADE**

O sistema econômico definiu o jornalismo como ele é hoje, pois o campo social em que seu surgimento estava inserido (urbanização, alfabetização, liberdade, democracia) o moldou de forma que a notícia se tornasse um tipo de mercadoria (TRAQUINA, 2004). Assim, com a ideia de os jornais irem em busca das notícias, muitas representações começaram a ser produzidas.

Serge Moscovici, autor romeno naturalizado francês, em *Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social*, apresenta uma reflexão sobre as representações sociais. Essas representações não são as mesmas para todos os indivíduos, já que dependem do senso comum e do contexto sociocultural que estão inseridos (MOSCOVICI, 2007). Além disso, o processo de representar busca a tentativa de aproximar o desconhecido, processo pelo qual indivíduos ou grupo tornam familiares os novos esquemas conceituais que se apresentam (MOSCOVICI, 2007).

Quando olhamos o outro, temos o reconhecimento e consciência da nossa própria existência, já que é ao olhar o outro que identificamos a diferença. Somente o homem tem a capacidade de criar e compreender significados. O jornalismo, por exemplo, cumpre uma função importante como ferramenta para difundir conceitos e visões, e contribui para a formação do que não é conhecido.

Os discursos jornalísticos tornam-se expressões máximas do que é verdadeiro; e é com eles, vale dizer, que construímos os nossos modos de compreender e ver o mundo, visões que tecem nossa percepção do outro e nossa maneira de lidar com o diferente ou o semelhante (RESENDE, 2007, pg. 83).

A representação produz significado a partir de ações sociais, culturais e de referências pré-estabelecidas, e o ato de representar constitui o cotidiano do trabalho dos jornalistas. Com as lutas das minorias cada vez mais ganhando visibilidade graças à pressão dos movimentos sociais, “para o jornalismo, no momento atual, é fundamental um olhar que busque conhecer os modos de narrar os fatos” (RESENDE, 2009, pg. 3). O jornalismo deve estar:

“atento às várias experiências da sociedade e de suas expressões”, sabendo “captá-las onde elas têm pouca capacidade de se fazer ouvir institucionalmente” e dando lhes “voz de modo a suscitar a reflexão de públicos mais vastos” (NEVEU *apud* LAGO, 2010, p. 167).

No entanto, casos envolvendo a imprensa diante de seus representados, ainda deixam dúvidas quanto ao esforço de um exercício de alteridade<sup>4</sup> em suas práticas. Em agosto de 2014, foi constatado um caso de racismo envolvendo torcedores do Grêmio e o goleiro do Santos, Aranha. Câmeras de televisão flagraram a torcedora Patricia

---

<sup>4</sup> Entendo alteridade aqui como a capacidade de compreender a própria posição de privilégio e de “colocar-se no lugar do outro”. “Alteridade é a capacidade de, a partir de reconhecer-se num grupo social entre tantos, deslocar-se para tentar compreender outras realidades pertencentes a grupos diferentes” (VEIGA, 2010, p. 43).

Moreira gritando a palavra “macaco”. Como consequência, o clube gaúcho foi punido com a exclusão do campeonato, além de multa. Nas tradicionais mesas-redondas em que o futebol é debatido, os comunicadores locais esforçavam-se para definir o caso como isolado, deixando de aprofundar a discussão sobre o racismo presente na sociedade brasileira.

Três semanas após o episódio, Grêmio e Santos voltaram a se encontrar e, durante o jogo, Aranha foi fortemente vaiado pela torcida gremista, ressentida com a punição sofrida pelo clube. No intervalo, os jornalistas dirigiram-se até às equipes para as entrevistas. Entre eles, Júlio César Santos da SPORTV, e Roberta Salinet da RBS TV, ambos do estado do Rio Grande do Sul.

Em um link <sup>5</sup>ao vivo do canal fechado, após as queixas do goleiro em relação à nova recepção, a entrevista dos dois repórteres se dá da seguinte maneira: **Júlio:** *Aranha, mas você não acha normal as vaias, o que aconteceu de anormal além das vaias?* **Aranha:** *Eu não ligo com vaia, com manifestação de torcedor, desde que seja do esporte. Todo mundo sabe que a vaia hoje foi diferente.* **Júlio e Roberta:** *Diferente por quê?* **Aranha (olhando para a repórter da RBS):** *Você sabe por quê? Por que foi diferente?* **Roberta:** *É a pergunta que a gente quer saber.* **Aranha:** *Por tudo o que aconteceu no outro jogo, ou não foi? Ou você concorda com o que aconteceu? Você concorda?* **Roberta:** *Eu não tenho que concordar com nada.* **Aranha:** *Ah, você não tem? Por quê? Então você não tá nem aí, é isso?*

A suposta imparcialidade da repórter, aspecto que constitui elementos do jornalismo, caracteriza a separação de fatos e opiniões (TRAQUINA, 2004). Entretanto, é algo questionável, já que “quanto mais buscamos a imparcialidade, tanto menos atenção damos aos nossos envolvimento e comprometimentos mais profundos” (FURROW, 2007, p. 77). Além disso, a isenção de aprofundar uma discussão sobre o racismo ajuda a reforçar preconceitos diante do outro, gerando desigualdades.

“O racismo brasileiro se manifesta geralmente em situações de forte desigualdade hierárquica, o racismo anda em conjunto com o abuso de autoridade. Essa modalidade de racismo que se remete à violência real ou à negação de direitos garantidos em lei, que balizam a noção de dignidade humana é significativamente vivida pelos negros em nosso país.” (GRISA, 2015, p. 50).

<sup>5</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=BmjVpvtBK08>. Fonte Youtube.

Outro ponto importante é a atenção à vulnerabilidade das pessoas. Pois segundo Cornu (1994), antes da mídia como instituição, o jornalista deve pensar como indivíduo, atento ao sofrimento alheio. Essa atenção garante ao jornalista um sinal de respeito perante a integridade de alguém. No entanto, a cena na qual o goleiro foi inserido, foi opressiva, já que além do tom de ironia das perguntas, estava rodeado por indivíduos brancos e locais. De acordo com Stuart Allan (2010) é urgente que se desconstrua a projeção racista das dicotomias “nós e eles”, frequentemente, reveladas nas reportagens.

Neste caso, o reconhecimento da posição de poder de repórter para deslocar-se e colocar-se no lugar de quem é vítima de racismo, mostraria que a alteridade é uma importante ferramenta para não transformar a diferença em desigualdade (VEIGA, 2010).

Para Stuart Allan, há também de se somar o fato de que tanto jornais com características mais liberais como jornais com características conservadoras não possuem jornalistas negros. “O enriquecimento da cultura interna de uma organização noticiosa é de importância vital, e está muito atrasado” (ALLAN, 2010, pg. 37). Entramos nos anos 2000 com o jornalismo sendo uma das profissões com a menor proporção de negros no país: 15,4% contra 82,8% de brancos, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>6</sup>. Algo que reflete as desigualdades socioeconômicas no Brasil e o racismo no acesso às redações.

Por outro lado, a grande-reportagem ainda possibilita o aprofundamento de questões inerentes à sociedade. O ano de 2015 foi emblemático para a crise migratória atual. Em outubro do mesmo ano, a repórter Letícia Duarte<sup>7</sup>, do jornal Zero Hora, embarcou para a cidade de Bodrum, para dali partir para a ilha de Kos, na Grécia, e acompanhar a trajetória de uma família síria até a Alemanha.

A todo instante a repórter descreve sua trajetória e demonstra constrangimento ao compartilhar da comida dos refugiados. Ela faz todo o percurso assim como eles e procura destacar o sentimento dos migrantes em relação aos olhares, como na fala de uma mulher: *Olham para a gente como se não fôssemos nada. No meu país eu me*

---

<sup>6</sup> [http://observatoriodaimprensa.com.br/mural/a\\_identidade\\_do\\_negro\\_na\\_midia/](http://observatoriodaimprensa.com.br/mural/a_identidade_do_negro_na_midia/)

<sup>7</sup> <http://especiais.zh.clicrbs.com.br/especiais/zh-refugiados-uma-historia/>

*sentia importante. Quando cursava a universidade, me sentia especial. Agora olham para nós desse jeito, como refugiados.*

Ao retratar o perfil desses migrantes, a reportagem desloca-se da objetividade dos números e contribui na desconstrução de estereótipos, já que revela a formação de várias pessoas que sonham com uma vida melhor.

Leticia apresenta durante todo seu percurso a tentativa de olhar o outro, uma vez que conversa com as pessoas nas mais diferentes situações: depois de um banho, na hora da janta, na fila da revista. O artigo que encerra a reportagem “Gente de alma grande” comprova a tentativa da repórter em colocar-se no lugar do outro. *Quando parti de Porto Alegre rumo à Grécia para produzir esta reportagem, em 17 de setembro, tentava me preparar para ouvir toda a dor de quem foge de uma guerra. O que sequer suspeitava é que iria deparar com tanta generosidade no meio desta jornada de fuga.* Ela comenta da constante iniciativa das pessoas em lhe oferecer comida, “uma pessoa estranha e com bloquinho na mão”.

Nesse sentido, segundo Marcia Veiga (2010), a atividade jornalística também desempenha uma função pedagógica, visto que se propõe a produzir os saberes cotidianos e a “explicar” o mundo. “O jornalismo é um conhecimento social e cultural que ensina” (VEIGA, 2010, p. 33). Por isso, o jornalismo exerce um papel importante na construção da cidadania, ao visibilizar causas e aprofundá-las.

Soma-se a isso o diferencial que a grande-reportagem proporciona ao deslocar-se da lógica de ouvir “os dois lados”, neste caso, a fala hegemônica das fontes oficiais (VALLES, 2015) é substituída pelo foco no acompanhamento de quem está migrando, e por consequência, no que essas pessoas têm a dizer. Esse posicionamento demonstra uma espécie de porta-voz dessa determinada fonte. Assim, o que a reportagem nos revela é a tentativa de que

procurar entender o outro, marginalizado pela sociedade, é uma forma de combater a política do silêncio, de questionar o âmbito discursivo dos meios de comunicação e de pensar-se a si mesmo como indivíduo inserido num contexto sociopolítico. (VALLES, 2015, p.54).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As notícias selecionadas para o público envolvem uma visão de mundo, que é subjetiva. Não se pode descartar a bagagem ideológica do jornalista durante a mediação, e a importância que o jornalismo conquistou ao longo das sociedades, como instituição socialmente aceita para narrar a realidade (FRANCISCATO, 2005).

A Antropologia que tem o objetivo de estudar o Homem na sua plenitude e os fenômenos que o envolvem, é a principal fonte de entendimento do que é alteridade: “enquanto a antropologia se coloca a necessidade de apreender, compreender e acolher o Outro, o jornalismo opera no sentido inverso” (LAGO, 2010, pg.173).

Estudar as diferenças e refletir sobre o outro que irá ser representado, se torna relevante para que os jornalistas sejam capazes de se colocar no lugar do outro, em uma relação baseada no diálogo e na valorização das diferenças existentes. Pois “qualquer trabalho que vise refletir sobre as condições de existência real de aspectos da relação entre jornalismo e sociedade, deve problematizar a perspectiva da importância social do jornalismo” (LAGO, 2010, pg. 165). Se não houver uma discussão forte em sala de aula para reformulação dos valores de representação, alternativas mais fáceis serão encontradas (ALLAN, 2010).

Mas, mais do que aprimorar nossa formação, é preciso ter a consciência de que:

Nós como profissionais precisamos arcar com mais responsabilidade pelas matérias que colocamos no domínio público e pelo efeito que elas causam na sociedade mais ampla. Verdadeiras ou não, estas matérias mergulham profundamente na consciência pública e não podem deixar de influenciar a maneira com que as pessoas percebem umas às outras (SMITH *apud* ALLAN, 2010, pg. 36).

A desconstrução de estereótipos também passa pelo estabelecimento de redações com pensamentos mais diversos e formadas por pessoas que representem a diversidade da sociedade em que estamos inseridos.

Pensar o papel social do jornalismo e a possibilidade de apresentação de assuntos poucos explorados em nossa sociedade, também mostra-se relevante. Pois os jornalistas desempenham a todo momento a responsabilidade em representar uma cultura que não é a sua, seja na difusão de notícias, seja na produção de reportagens. Inegavelmente, a grande-reportagem segue sendo o método (maior tempo de pesquisa e

edição, maior reflexão) de representação que apresenta maiores possibilidades para um exercício de alteridade.

Logo, além de pensar questões como objetividade, imparcialidade, notoriedade; o jornalismo necessita incorporar outros tipos de reflexão, já que o polo intelectual que o constituiu apresenta indícios do século XV (TAMBOSI, 2004). Ainda que o jornalismo tenha atravessado mudanças em suas estruturas, os seus elementos norteadores continuam os mesmos.

Da mesma maneira que o surgimento da imprensa soube compreender o campo social da época, as empresas jornalísticas de hoje precisam perceber melhor as transformações sociais. Assim, o aprendizado poderia também refletir no cotidiano, proporcionando ao jornalista colocar-se no lugar do outro ao construir as notícias.

Por conseguinte, devemos buscar um jornalismo plural e não apenas seguir a velha fórmula de deixar pontos de vista diferentes sobre um determinado tema. “A ideia do pluralismo é bem mais profunda e implica em contemplar e incorporar o Outro” (LAGO, 2010, p. 167).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rosental Calmon. **Reinventando o jornal na internet**. Fortaleza: Sala de Prensa, 2001.

ALLAN, Stuart. **O jornalismo e a cultura da alteridade**. São Luís: 8º Encontro Anual da SBPJor, 2010. Annals.

CORNU, Daniel. **Jornalismo e Verdade: para uma ética da informação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.

FURROW, Dwight. **Ética: conceitos-chave em Filosofia**. Artmed, 2007.

GRISA, Gregório Durlo. **Ações afirmativas na UFRGS: Racismo, Excelência Acadêmica e Cultura do Reconhecimento.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tese de doutorado, 2015.

LAGO, Claudia. **Ensinamentos antropológicos: a possibilidade de apreensão do Outro no Jornalismo.** São Luis: 8º Encontro Anual da SBPJor, 2010. Annals.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social.** Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

PAULA, Gabrielle Santos de. **Olhar o Outro: uma análise do documentário Quilombo da Família Silva.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trabalho de conclusão de curso, 2015.

RESENDE, Fernando. **O discurso jornalístico contemporâneo: entre o velamento e a produção das diferenças.** São Paulo: Revista Galáxia, 2007.

RESENDE, Fernando. **Representação das diferenças no discurso jornalístico.** São Paulo: 7º Encontro Anual da SBPJor, 2009. Annals.

TAMBOSI, Orlando. **Tobias Peucer e as origens do jornalismo.** Estudos em Jornalismo e Mídia. V. 1, n. 2, Florianópolis: UFSC, 2004.

TRAQUINA, Nelson (Org). **Jornalismo: questões, teorias e estórias.** Lisboa: Vega, 1993.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são.** Florianópolis: Insular, 2004.

VALLES, Rafael. **O Outro no telejornalismo e no cinema documentário – uma análise sobre as abordagens narrativas assumidas no caso dos prisioneiros do Carandiru.** Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, 2015.

VEIGA, Marcia. **Masculino, o gênero do jornalismo: um estudo sobre o modo de produção das notícias.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dissertação de mestrado, 2010.